

Pedro Afonso

Pedrafonso, como era chamado pelos seus amigos... Tivera a má sorte onomástica de nascer na era das transformações dos nomes, os pais acharam excelente aquele nome, que depois terminava sempre amontoado, dada a tendência dos portugueses para ligarem palavras. Mas não era caso único: a sua irmã chamava-se Sandra Andreia, do que resultava também uma estranha junção, “Sandrandreia”, parecia um nome daqueles tipo “Getúlio”, um nome que enche a boca quando se pronuncia. Pedro Afonso fora colega de Quinzinho, o criador de conceitos usurpado, e não esquecera a ideia que alguém sugerira a Quinzinho, a de criar conceitos. Mas Pedro, depois de ter consultado um antigo “Setôr” de Filosofia, que também leccionava Psicologia, a quem os alunos chamavam “Burrote”, sobretudo quando iam um pouco bebidos às suas aulas, resolveu seguir os seus conselhos. Pedro era agora licenciado em Filosofia, mas, como muitos outros jovens, não tinha lugar no sistema educativo, atendia clientes num hipermercado. Aliás tinha colegas de todos os cursos. Burrote (ele nunca lhe soubera o nome, aliás dormira em noventa por cento das suas aulas e copiara nos testes), deu-lhe uma sugestão magnífica! Disse-lhe: “home, isso de criar conceitos, não, o que está a dar são as questões antropológicas, tá a ver, aquilo dos antropófagos? Crie ditados populares, máximas de sabedoria, “apotegmas”, como diziam os gregos!” Pedrafonso não sabia nada de antropófagos, mas sabia alguns ditados, não muitos... Nas horas livres, que eram poucas, no hipermercado, lia títulos de jornais, para se inspirar. Reparara num título soberbo, num “jornal de referência”: “Função Pública torra 80% dos impostos – todo o IRS, IVA, IA, e Selo vão para salários e reformas.” Achou interessante este aporte, mas um colega licenciado em Economia disse-lhe: “isso está certíssimo, Pedrafonso! Por isso é que estamos aqui, em vez de estarmos a dar aulas! Aliás o Governo mais poupava se cobrasse os impostos todos a quem deve cobrar, e mais poupava se dissolvesse o Serviço Nacional de Saúde, o Sistema de Ensino Público, as Forças Armadas, as Polícias, e se se auto-dissolvesse, acabando de vez com o Estado!” Matutando nisto, Pedro teve um acesso de fúria! Realmente a notícia era escandalosa! Começou desde logo a inventar provérbios, como

gostava de lhes chamar. “Mais vale ser chefe que subchefe”, foi o primeiro, que lhe parecia irrefutável. “Cão mordido não coça piolhos!” Com este provérbio e mais cerca de outros dez mil, daqueles que põem os neurónios a mil, lançou um livrículo, como lhe chamava. (Aliás chamava testículos às panelas pequenas, porque achava que chamavam “testos” às panelas grandes, lá na sua terra). Foi entrevistado na TV. O apresentador perguntou-lhe o que era aquilo do cão, ao que respondeu: “pode ser uma Teoria Geopolítica! Veja: um país atacado seriamente, de forma feroz, não se vai ocupar de carteiristas, pilha galinhas, etc., percebeu?” O homem achou fantástico! “Mas, perguntou, o que quer dizer uma passagem sua do livro em que fala de guarda-chuvas?” Pedro nem lhe respondeu. Na realidade vencera o prémio de jovem revelação na escrita, não estava para o aturar! Arrumou-o com “você pertence à massa do Homo Burrus, que aliás se devia chamar Homo Mulus, mas nós não falamos Latim e por isso entenda-me: está a falar com uma inteligência superior!” Abandonou o estúdio sob uma salva de palmas ensurdecadora; tinha triunfado, chegou anos mais tarde, aos corredores do poder.